

Território e Aprendizagem, Espaço de Cultura e Cultura Popular

Guillermo Williamson C.
Adriano S. Nogueira.

Resumo

Os autores sistematizam e referenciam reflexões que a experiência requer e ocasiona. Qual experiência? A prática curricular de Cultura Popular. La noción: territorios de aprendizaje integra espacios de sociabilidad, articulando naturaleza y cultura, sin dicotomizar.

Palavras-chave: *currículo e cultura popular; prática cultural de resistência; integración entre raciocínio topográfico y sociabilidad articulada.*

Abstract

Territorians are forms of learn. Can they be assumed into pedagogical efforts? When don't we dicotomize cultural and natural dimensions of human being? We do that trough an non-etnocentric notion of curriculum.

Key words: *educational efforts and pedagogical interfaces among two proyects: both of them developped from periferical conditions of life, in south of Chile and Brasil.*

Este artigo nasceu através de um diálogo. Os autores expõem realidades e parâmetros sobre os quais (e a partir dos quais) conversam reflexivamente não apenas comparando: - o projeto SONHO POSSÍVEL e o projeto KELLUWUN; optando por manter os idiomas e a diversidade, buscam reconhecer interfaces por meio de equivalências. Nenhum se reduz ou se impõe sobre o outro.

Adriano: o professor Guillermo visitou o SONHO POSSÍVEL, conheceu a Escola Fundamental LaSalleana, localizada no bairro Jardim América, periferia de Sapucaia, região metropolitana de Porto Alegre-Brasil. Conversando, buscamos sistematizar as usuais reflexões que toda experiência requer e ocasiona. Buscamos mapear e realçar algumas interfaces entre o projeto gaúcho/brasileiro e o temucano/chileno. Ambos focalizam educação e cultura, ambos pesquisam/realizam atuações que favorecem seres humanos (educadores e educandos) transcendendo a pobreza e outras con(tra)dições próprias à periferia em que geograficamente se situam.

Arrisco lançar uma **hipótese inicial**, derivada da reflexão: “*nossas raízes*”¹.

estamos ligados ao solo cultural, que outrora se confundia com a Terra natural. Estamos ligados a estes solos através de quatro longas raízes: (1) utilizamos a linguagem ciência, memória sempre viva do pensamento grego, (2) vivemos na sensação de que algo se escoa, uma história, e nos ata lembrar profetas e es-

critores de Israel, que nesse escoamento linear nos meteram, (3) esquecemos, já, nosso renascimento romano, que nos permite ressignificar como “*civitas*” e, portanto, como direito público, o conjunto de nossos esforços e reflexões e (4) há muito tempo temos sido educados para não reconhecer raízes OU muito distantes de egípcios, caldeus e etruscos (pré-gregos, pré-israelenses e pré-romanos)...². OU muito próximas e, por isso mesmo, nelas estamos mergulhados sem nos darmos conta e valor: nos educamos para não reconhecer como RAÍZES os povos indígenas americanos, as nações de africanos americanizados...

O trabalho educacional ao mesmo tempo se nutre e favorece o avanço da perspectiva científica. Percorre, explora e por vezes extrapola as relações limítrofes e imbricadas entre cultura e ciência. Isso significa revitalização de *nossas raízes* com o aporte da abordagem científica. Através de suas ênfases, priorizando atuação e pesquisa, os projetos SONHO POSSÍVEL e KELLUWUN respaldam a **hipótese** (nossas raízes) na seguinte perspectiva:

seria próprio da **cultura popular** não separar espaço e aprendizagem, não separar pedagogia e condições pedagógicas. Ela é oral e metafórica, seus registros emergem com estas marcas e seus conceitos se exercem como aptidão para a resignificação. Seria próprio da **cultura** constituir-se processualmente por modos e meios interligados, favorecendo (e, por vezes, obstaculizando) o desabrochar dos seres humanos. A cultura tem como uma de suas dimensões o ser transmitida (e, portanto, recriada) através de currículo. Para a cultura popular a idéia de currículo seria

¹ A obra e o pensamento que ensejam tal colocação são de SERRES, Michel. O(a) leitor(a) encontrará amplo encaminhamento desta reflexão na obra *O contrato natural*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

² A partir desse momento da construção do raciocínio (que arquiteta uma hipótese sendo discutida) as assertivas se devem aos autores deste artigo, em consonância e continuidade com o Michel Serres.

vivencial.

Os projetos através de que dialogamos, Guillermo e eu, vivem esse desafio: a prática curricular de cultura popular enquanto cultura, na qual erudição significa memória e lugares.

Guillermo: La tierra desde la que escribo tiene marcas: es una tierra telúrica de largas lluvias, de bosque húmedo, nieblas que emergen del rocío, es tierra - ríos correntosos que arrancan desde cordillera y nieves blancas hacia un agitado azul-mar. Grandes lagos son su camino. Y pequeños arroyos, ciudades, comunidades y pueblos. Mi ciudad, donde está la Universidad de La Frontera, es Temuco: la palabra indígena significa “agua de temo” (temo es un árbol). La tierra desde la que escribo es de encuentro, contradicción, coexistencia y convivencia intercultural: la sociedad occidental y el pueblo Mapuche se encuentran y se enfrentan en dominación y subordinación, en discriminación y desigualdad. Pero también hay posible convivencia, solidaridad y cooperación productiva.

La Investigación-Proyecto KELLUWUN Gestión Participativa en Educación (Departamento de Educación de La Universidad de La Frontera, La Araucanía, Chile) actúa entre comunidades Mapuche. Las reflexiones emergen de esas comunidades y servirán para un diálogo crítico. Permitirán proposiciones de acción, mejorando condiciones educacionales y ambientales de existencia del pueblo Mapuche. Buscan la interculturalidad, es decir, la participación y la gestión democrática de espacios de reproducción social. La educación es el eje de acción del proyecto KELLUWUN. Avanzo en la hipótesis de ese diálogo con el proyecto SONHO POSSIVEL subrayando: **territorio es campo (espacio y tiempo, por lo tanto) de relaciones. En el territorio se produce y se expresa la compleja historicidad de seres humanos entre si e con la naturaleza.** A través de territorialidad se construye cultura... y la educación ahí encuentra su significado. Desde espacio y tiempo (territorio) se constituye la dinámica de aprendizaje, se despliega la socialización en educación natural y formal...

Adriano: uma questão interessante tu assinalas aí, Professor Guillermo. Poderíamos afirmar (com base no que tu dizes) algo assim:- a educação se constitui *não apenas a partir desta ou daquela metodologia, como consideraria uma perspectiva que priorize a definição a priori, através do método.* Espaço e tempo, sendo constituintes, permitem-nos tomar a perspectiva científica na sua inteireza, isto é, postura que engendra às metodologias.

Guillermo: Propongo la idea de “Territorios de Aprendizaje Intercultural” como conceptualización a ser trabajada en una perspectiva pedagógica de Desarrollo Endógeno. Si no separamos educación y desarrollo aportamos a la resistencia indígena y popular elementos de comprender y enfrentar su deseducación, evitando que ellos simplemente “se pierdan” en el modelo capitalista. A través de educación y desarrollo se vislumbran modos sociales y pedagógicos

de construir otras relaciones sociales de aprendizaje sustentadas en formas de coexistencia y convivencia democrática, intercultural e ecosistêmica.

Adriano : a formação desde situações de cultura popular nos permitiria avançar em compreensões importantes para pensarmos educação; por exemplo:- compreendermos às operações de sensibilidade e concepção sistemática, operações de aproximação e distanciamento... isto é, proximidade e indiferenciamento, segundo momentos e raciocínios de vibrar/reverberar (próprios ao envolvimento comprometido) e o generalizar/categorizar (peculiares ao pensar que sistematiza). É importante compreender que estes pares são dicotômicos conforme uma determinada perspectiva de cultura e sociedade...

Avançando em reflexão, eu acrescentaria: cultura popular nasce e renasce, brota e rebrota hegemônica, sua incompetência para ser hegemônica livra-a de certos dilemas usuais à cultura científica burguesa; por exemplo: o falso dilema entre natureza x cultura. O texto e reflexões dos dois Projetos tematizam e teorizam processos e padrões de comportamento social intencionalmente vivenciados com orientação democrática e com explícito senso de desenvolvimento pessoal e comunitário. Não nos temos desnorteados, por exemplo, em perceber como dilema as diferenças de natureza entre cultura e cultura popular. Suas diferenças não são apenas de status mas sim de privilégios e concepções reificadas:- isso pode ser ressignificado sob uma perspectiva científico-democrática.

Propomos complementarizá-las através de atuação pedagógica. Na cultura popular há que superar sua ambigüidade³. Na cultura erudita tradicional, refém da perspectiva burguesa hegemônica, a superação é teórico-política; seu compromisso com o “ser partilhada por todos” requer o desocultamento de privilégios e de procedimentos etnocêntricos e elitistas (na definição do que é prática científica); isso requer democratização da competência discursiva pela qual ela se configurou.

Com base na prática pedagógica que as complementariza, cultura e cultura popular são necessárias para enfrentar dificuldades de sobrevivência de uma comunidade. A complementaridade requer à racionalidade como hábito de “saborear saberes”; e nos desafia a articulações entre seres humanos ao mesmo tempo empobrecidos e capazes

³ Reporto-me a Paulo Freire: “... o grande problema está em como poderão os oprimidos, que “hospedam” ao opressor em si mesmos, participar da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia de sua libertação (...) uma vez que a estrutura de seu pensar é condicionada pela contradição vivida em situações concretas; seu ideal de tornar-se homens é, para eles, na contradição em que vivem e cuja superação não aparece claramente, ser homem como o opressor o é. Os oprimidos, que “introjetam” a sombra do opressor e seguem suas pautas, temem a liberdade na medida em que esta, implicando na expulsão daquela “sombra” exigiria deles que preenchessem o vazio deixado pela expulsão, e o preenchessem com outro conteúdo - o de sua autonomia. Em: *Pedagogia do oprimido*. Rio: Paz e Terra, 1978.

de ação político-pedagógica com repercussão emancipatória.

Guillermo: el Proyecto Gestión Participativa en Educación-Kelluwün⁴ está estructurado en torno a: (1) promover o estimular la Participación de las comunidades en la educación de sus localidades; (2) incentivar la gestión y desarrollo democráticos de la cultura al interior de las comunidades y en sus inter.-relaciones (3) impulsar la educación intercultural bilingüe, tanto desde la perspectiva curricular, cuanto desde la memoria cultural del Pueblo Mapuche. El proyecto perfecciona Docentes apoyando proyectos culturales y sociales, apoyando comunicación para el desarrollo, sistematización, vínculos con la Universidad y etc. Trabaja en once comunidades. Sus principios inspiradores serían:

participación social: las comunidades locales⁵ reflexionan sobre la educación y cultura en su comuna, hacen proposiciones de mejoramientos y se comprometen en acciones. El proceso se inicia desde “afuera hacia adentro” de la comunidad educacional y tiene sentido en sí misma, es decir, logra sucesos “de dentro hacia afuera”.

gestión democrática en la cultura educacional: las comunidades educativas⁶ modifican sus prácticas y cultura organizacional, aprovechando ideas, ideales, propuestas, de los miembros y de las personas, mejorando y haciendo más propio su currículo.

educación intercultural bilingüe: en igualdad de importancia y en relación a cada contexto, se integran, en el currículo (como pedagogías propias) la cultura Mapuche y la cultura nacional oficial. Ambas respetan el eje interculturales. Se apoya la promoción y desarrollo de la “cultura del entorno” de esas comunidades.

Kelluwün: trabajar y aprender en cooperación - “KELLUWÜN”, concepto-palabra Mapuche que se refiere a una norma de ayuda mutua y en una actitud de servicio al colectivo. En eso, niños y adultos prestan su aporte concreto en trabajo comunitario. Al mismo tiempo se socializan en principios y prácticas solidarias y de trabajo cooperativo. Eso se aprende en la actividad cotidiana. Entre los Mapuche este concepto se operacionaliza en el “*mingako*”, que es una actividad en la cual las familias (Pu Reñmawen) y la comunidad (lof) laboran reunidos: en las siembras

⁴ Proyecto Gestión Participativa en Educación-Kelluwün (2001) Aprendizajes de una Experiencia Educacional de Participación e Interculturalidad en Desarrollo. Universidad de La Frontera. Documento de Sistematización N° 1. Temuco.

⁵ Se entiende por comunidades locales la red de organizaciones e instituciones, públicas y de la sociedad civil, formales y no formales, que existe en el medio donde están establecidas las comunidades educativas. En este sentido no es sinónimo de las familias de los establecimientos, sino representan a organizaciones de diversos ámbitos: productivas, sociales, vecinales, indígenas, culturales, etc.

⁶ Se entiende por comunidad educativa al conjunto de personas y las relaciones sociales que se establecen al interior de un establecimiento educacional. Incorpora a los directivos, docentes, estudiantes, paradocentes, alumnos/as.

(ganvn kvzaw), en las cosechas (pvramuwvn) o construcción de casas (rukan o rukatun), etc. Eso estrecha y consolida relaciones sociales, consanguíneas y de parentesco, los niños conocen y reconocen a sus familiares y vecinos y así se perpetúa la costumbre de reciprocidad entre Pueblo Mapuche. Es el sentido como subrayaba Adriano: la construcción de una racionalidad enfatizando la conciencia permanente de compartir trabajo y bienes que provienen de esfuerzo propio o provienen de la naturaleza. El concepto Kelluwün se vive a diario. Todos, desde pequeños, van ejerciendo responsabilidades de reciprocidad, que permite el aprendizaje natural y cotidiano de saber la lengua, del quehacer como saberes y así la cultura en general desde la tradición... aún en su adaptación a la contemporaneidad.

La cuestión mapuche educacional: Los conflictos de tierra han alcanzado mayor radicalización. La poca disponibilidad de tierras asociada a la pobreza y a una conciencia étnica⁷ generan esa conducta. A ello se agrega una relación conflictiva con las empresas forestales. La expansión forestal ha implicado usurpación de tierras y pérdida de fuentes de trabajo. La crisis económica, desde 98 sobretodo, hizo que jóvenes y familias que vivían en ciudades retornaran a sus comunidades de origen, alterando la relación hombre/trabajo/medio de sobrevivencia, empobreciendo aún más a las familias; es decir, la crisis se asocia a una frustración por parte de los jóvenes. Finalmente las políticas estatales, en especial de CONADI⁸, se implementaron bajo la lógica de distribución de tierras, sin programas de apoyo financiero y técnico para su explotación racional. Tampoco ha habido una política sustentada de capacitación intercultural adecuada a características Mapuche. Las comunidades, por acción del gobierno regional, del municipio y de otras instituciones, se han modernizado y en general cuentan con luz eléctrica domiciliaria, agua potable, caminos y puentes, puestos de salud, escuelas básicas; eso es necesario y insuficiente para un modo humano Mapuche de pensar/actuar recreando y emancipándose de la lógica capitalista.

La cuestión ambiental: Algunos particulares y sobretodo grandes empresas forestales⁹, se instalaron sobre el “lof” Mapuche. El gobierno militar legitimó propiedades en tierras usurpadas que pertenecían tradicionalmente a las comunidades y que por procesos históricos (entre ellos las “tomas”), algunas comunidades recuperaron. La dictadura militar, en el proceso represivo conocido como “Contra-reforma agraria”, expulsó a los Mapuche y los redujo a territorios limitados y pobres. Las comunidades continúan reivindicando esas tierras... concientes de la gravedad del

⁷ Ya en 1972, se desarrolló en esta comuna, el 2° Congreso Nacional Mapuche, que dio origen a una Ley específica para los pueblos indígenas de Chile.

⁸ Corporación Nacional de Desarrollo Indígena. Organismo Estatal responsable principal de las políticas indígenas.

⁹ La principal es la Forestal Mininco, de Capitales Nacionales.

impacto en lo social, cultural y ambiental.

Un segundo factor es la estructura de tenencia de la tierra y de producción que se ha convertido fundamentalmente en pequeñas explotaciones agrícolas tradicionales, con fuerte demanda de trabajo y presión demográfica, con uso de agroquímicos de baja calidad y uso poco racional, de deforestación sin manejo adecuado.

Muchas comunidades ya no cuentan con bosque nativo. Junto con el bosque desaparecieron muchas actividades, costumbres e importantes quehaceres identitarios. El agua es poca e el río Huequén corre contaminado. Hay erosión y pérdida de suelos por sobrepastoreo. El suelo gredoso ocupa cada vez más espacios, producto de la erosión como de su extensión por los caminos y los canales de regadío. Tierras agrícolas se han convertido en forestales. Existe un proceso sistemático de ocupación, por viviendas y minifundio, de áreas potencialmente productivas. Las nuevas tierras que se incorporan a la comunidad, por compras del Estado y por conquista de los Mapuche, no cuentan con un plan de desarrollo productivo que recupere el eco-sistema. La poca tierra para la sobrevivencia genera una sobreexplotación del ambiente; los grupos/familias se subdividen y multiplican y su crecimiento conflictiva por y con la tierra.

Según avances en ese dialogo afirmaríamos: la noción: **territorio** conceptualiza cultural e históricamente un ambiente conformado por redes de relaciones humanas y naturales, en articulada connivencia. Su permanente senso de trascendencia en espacios horizontales y verticales, varía en formas y modos de vida que son delimitables físicamente y son auto determinantes en sus características culturales y subjetividades colectivas.

Adriano: Avançando mais nesta **racionalidade emancipatória**, diríamos que produzir conhecimento através de projeto amplia olhares e horizontes, em seres humanos cada dia menos submissos. Tu mencionaste, entre os Mapuche, a determinação física compatível com auto-determinação cultural e idiossincrática. Mencionaste também um senso de transcendência que aos espaços conota. No que se refere à Escola no Jardim América (não por acaso batizada Helder Câmara) eu continuaria nossas hipóteses assim... *a cultura popular vivencial e imbricada na produção (curricular) de conhecimento não separa pessoa, símbolo e valor. O sentido dessa articulação?. Pessoa é, ao mesmo tempo, educador e educando. Símbolo é ato cognitivo, material ou abstrato, que não desata nem confunde ser humano e entorno (ambos sendo sujeito e objeto de conhecimento, em diferentes graus de sistematicidade). E valor denota a referência, já sedimentada (na moral) ou sendo testada como aprimoramento equitativo (pela ética e pela política).*

A imbricação (pessoa, símbolo e valor) favorece aprendizado em clima de **alegria e fé**. Não uma simples disposição momentânea configura psicologicamente e pedagogicamente à **alegria**: esta resulta de autodetermina-

ção intelectual compartilhada, exercida em horizontes e perspectivas nos quais o conhecimento não existe em praticantes considerados carentes... nem é construído para melhor competir. A prática de **fé** não se resume a um conjunto de comportamentos; sendo (esta Escola) fruto do empenho LaSalleano, suas opções de pesquisa em projeto educacional não concebem à catequese como mera prédica de conteúdos confessionais, válidos em si mesmos.

Fé teria a ver com a necessidade de viver a transcendência, algo que tu reconhecias entre los Educadores Mapuche. Há pontos comuns entre gaúchos e temucanos. A postura investigativa associa **alegria e fé** com convivência. No início do funcionamento da escola e, depois, em momentos de auto-avaliação e replanejamento pedagógico houve pesquisa temática, isto é, os (as) Professores(as) visitaram famílias no bairro, ouvindo e dialogando com pais e mães. Na sistematização da pesquisa, depois compilada em situação de estudo ¹⁰, chama a atenção a ênfase na temática A CASA ¹¹, isto é, o entorno.

Guillermo - Hoy los comuneros no cuentan con un proyecto de desarrollo para las áreas que retoman. Reciben la tierra, no un territorio que permita un desarrollo sustentable, con identidad, participación e integración. Dirigentes y comuneros visualizan opciones distintas y productivas para ese espacio de cerro, con declive, erosionado, con escasa agua; algunos optan por reforestación con especies exógenas (mas vendables, a corto plazo). La distinción es crítica entre el sueño de lo que les gustaría hacer y la posibilidad percibida.

Esta es una contradicción fuerte: el sentido de la lucha reivindicativa se estructura en contra del modelo de expansión forestal, que privilegia especies exógenas que generan poco empleo, sin constituir un escenario de biodiversidad, atentatorio al desarrollo de la comunidad y a la existencia del Pueblo Mapuche. Su crítica es que deben rendirse a las opciones posibles, con financiamiento, con retribución económica pero que reproducen las condiciones generadoras de pobreza, de un ambiente que se hace inviable, que afecta directamente a las condiciones territoriales de existencia de la comunidad y su cultura.

Su crítica expresa producción de conocimiento sin el aporte científico y tecnológico para enfrentar (la pobreza e exclusión) con artefactos culturales e instrumentos de producción y gestión, proyectos y empresas comunitarias. También muestra las debilidades de las decisiones políticas respecto de la aplicación democrática de diseños innovadores para el uso productivo y cultural de territorios que se

¹⁰ Seria o “retiro pedagógico”: encontros/seminários em que educadores, funcionários e direção da escola estudam e planejam. Veja-se artigo na revista Educação – ano XXV, n. 46, março de 2002. Porto Alegre, ed. da PUC/Programa de Pós-graduação em Educação – 2002 – p. 91 ss..

¹¹ Veja-se a explicitação desta pesquisa temática na Revista SONHO POSSÍVEL número 1, de abril de 2000. Canoas: LA SALLE - Centro Universitário – 2000, p. 62 ss..

encuentran en fase de reutilización. Demuestra poco acceso a la información sobre alternativas productivas que podrían servir de modelos para discusión y utilización social de terrenos. Finalmente esta situación es producto de una desintegración entre la cosmovisión indígena y su concepción y vinculación con la naturaleza y la modernidad occidental. Por fin, son las limitaciones de la democracia actual en no generar condiciones de organización y participación.

Reflexiones pedagógicas. Mapuche, gente de la tierra, identifica a este pueblo del sur de Chile, (che=gente; mapu=tierra). Su identidad se atribui y construye vinculada a la naturaleza. Tierra no es sólo suelo, es la vida que se construye en, sobre y bajo él. La gente “es” la tierra, forma parte de ella. Humanos no dominan, son parte constitutiva. Es génesis de identidad y de construcción de autosignificación en que la tierra es existencia y reproducción. Los nombres y apellidos tradicionales mantienen significados de la naturaleza. Se denominan esencias. La toponimia de muchos lugares es en mapudungun, la lengua mapuche, otorgando cualidades a lugares y no sólo señalándolos como enunciados geográficos referenciales. La tierra es parametro de pertenencia y autoidentificación.

Ahí estaría la ambigüedad que tu, Adriano, mencionas citando Freire. Desde la perspectiva occidental la gente es menos pobre por consumir beneficios del sistema y se integrar. Entre Mapuches, ellos se hacen más pobres en la medida en que aumenta la dependencia y subordinación a lo exógeno. Se afecta la cultura si se destruye un hábitat, un ecosistema; por ejemplo: la provisión de hierbas gastronómico-medicinales por la “Machi”¹²; la desaparición de esa figura integrativa determina mayor dependencia de la medicina occidental. “La química reemplaza cada vez más a la naturaleza en el cuerpo humano”.¹³ Los espacios de socialización, a través de trabajo y juego que se hacían en el bosque, desaparecen. Y la lengua, un conjunto de palabras, procesos de socialización, actividades productivas y códigos de comprensión del medio se han ido descaracterizando.

El paisaje alterado (por la hegemonía dominante) expresar dominio sobre la naturaleza, como forma de desarrollo productivo buscando lucro a corto plazo: es desarrollo y exclusión. El bosque de pinos o eucaliptos demuestra la superioridad de un modelo homogeneizante, contrario a la biodiversidad y a la diversificación económica, padronizador de consumo, que no recoge la riqueza de la variedad de seres, ideales, ideas, lenguajes, modos de vida. Todo ello privilegia el mercado, la competencia, las decisiones individuales frente a ofertas diversas de mercancías. En la mira-

da de ciertos grupos Mapuche, visión con la que coincidimos, esta es otra de las modalidades de sometimiento al pueblo Mapuche por el Estado occidental moderno y por la economía neoliberal.

El territorio para los Mapuche es mas que un espacio físico, mas que una extensión. Supone tierra pero mapu (tierra) es algo mas... son niveles que se encuentran en el aire y el cielo, en el suelo y en las profundidades. La tierra arriba (el Wenu mapu), el espacio donde estamos (el Nag mapu) y la tierra abajo (el Miñche mapu). A ellos se agrega una totalidad, el entorno: el Wall mapu. Estos tres niveles interaccionan interdependientes: en cada uno habitan seres con sentido propio para si mismos, para la naturaleza y para los humanos. La tradición de la narrativa oral enseña que es posible transitar entre esas dimensiones. El centro (referencia) de la vida está donde se encuentra la persona. Existen cinco puntos cardinales. El quinto es el centro, donde está el observador y sujeto; ahí se localiza la comunidad. El “lof” no es, entonces, sólo un lugar de asentamiento humano, es ante todo un territorio de existencia y reproducción de dimensiones y modalidades de vida.

Se destruye la unidad intrínseca de totalidad humana, de la tierra y de lo sagrado. El modelo burgues separó legalmente la tierra del agua y del subsuelo. Si son independientes, pertenecen a propietarios distintos, contradictorio es su usufructo, orientándose a sectores específicos de producción y mercado. El agua que da vida a la tierra y su biodiversidad puede ser negada a esa misma tierra. La superficie se separó del subsuelo. Las aguas superficiales o las del subsuelo corren por una tierra que no les pertenece (de acuerdo a la legalidad). Se generan contradicciones entre la Ley Indígena y esos principios.

En el territorio hay historia, hay cultura y existencia y, a través de eso, el pueblo Mapuche. Es un espacio donde se organiza la resistencia social y tecnológica en cualquiera de sus expresiones. Surge reflexión, conciencia, el interés por permanecer y movilizarse. El territorio es donde se vive pero es también de donde se proviene. Es presente, pero también es historia pasada. La limitación de autonomía en el uso del territorio, la cada vez menor capacidad productiva cultural y económica del medio, la sensación de aprisionamiento que provoca el verde opaco del bosque de pinos rodeando a las comunidades, generan un sentimiento y práctica de interés por recuperar la tierra. Componente de esa lucha es la protección de los recursos naturales con que ellos son comunidades..

Una pedagogía en y desde esa visión de mundo, incorporando el aporte científico. El territorio es también oportunidad para el Desarrollo Endógeno y Local, con identidad, participación y sustentabilidad. No se trata de definir micropolíticas, o delimitar municipios para “intervenir” con políticas públicas. Se trata de que las comunidades humanas determinen sus espacios y los límites sig-

¹² Machi, persona mapuche, femenina y madre, que cumple funciones de sanación espiritual y física en las comunidades.

¹³ Durante una jornada en que se discutió la “píldora del día después”, ese argumento le servía para explicar su oposición a los métodos anticonceptivos que no fueran generados desde el conocimiento tradicional de la naturaleza.

nificativos de éstos: las relaciones de conversación, de comercio, de concientización sobre las condiciones de dominación/subordinación, de requerimientos de recursos naturales de modo sustentable. Un territorio, una comunidad, un "lof" exige condiciones económicas, ambientales, políticas y de poder de decisión para asegurar su reproducción y desarrollo, no sólo física, sino cultural, de modo a asegurar la existencia, en cada familia y comunidad, del "ser Mapuche". Me permita, Adriano, una correlación teórica: con P. Kropotkin, biólogo y filósofo; él sustentó la primacía de la ayuda mutua y de la cooperación¹⁴. La cooperación, diría Kropotkin, se instala primero en la resistencia y luego en la cultura popular, en la cultura indígena, para desde ahí esperar el tiempo de influir en la sociedad global que se ha ido instalando como sociedad dominante fuera de sus límites de reproducción.

¿Pueden los niños vivir pedagógicamente esa perspectiva? Reconstruida críticamente en cada contexto, sí. Ellos son parte activa de la economía familiar, viven en comunidades y ahí se socializan, entre ancianos y autoridades. Son víctimas y son actores de los conflictos, participan de las movilizaciones por la tierra. Sufren discriminación y exclusión; ellos recibirán territorios erosionados y forestados, dificultando una vida sana y afectando las condiciones de reproducción y existencia de su "ser Mapuche".

Buscamos diseños de enseñanza en que la socialización inicial en la familia y comunidad se articulen con la socialización secundaria de la escuela básica. Comunidad educativa y comunidad local deben establecer diseños pedagógicos donde el espacio de formación no es ni uno ni otro, sino ambos integrados en una noción más amplia y consensuada, integrada activamente, en una noción ecológica, a la comunidad del ambiente.

La noción de **territorios de aprendizaje y interculturalidad** integra espacios de socialización: la cultura occidental y la tradicional, orientándose al desarrollo local desde una perspectiva de no-sometimiento, articulando naturaleza y cultura, tradición y modernidad. El Territorio de Aprendizaje Intercultural, bajo una noción cultural sustentada en experiencias de ayuda mutua como el Kelluwün o mingaco¹⁵, puede asociar la historia social y cultural de la comunidad local con la historia del cambio producido en el medio ambiente natural y las transformaciones en la sociedad global.

Requiere recoger de la experiencia literaria, oral o escrita, historias que permitan comprender las relaciones humanas y de los seres vivos. En la literatura y en los cuentos

¹⁴ Piotr Kropotkin, El apoyo mutuo como factor de progreso entre los animales y los hombres. Buenos Aires: Editorial Americalee, 1946.

¹⁵ Modalidades tradicionales de ayuda mutua, que combinan lo productivo con la convivencia festividad, reciprocidad y cooperación.

los animales asumen formas y palabras: rompen la dicotomía entre seres pensantes y animales (ambos producen e viven en cultura). Forman parte del territorio, transitan, tienen lenguaje que puede ser comprendido si se está abierto. En este arte del transmitir la imaginación, en el conversar y escribir, se expresan historias locales y concepciones de mundo construidas en la paciencia de observación eco-sistémica. Hay ahí una fuente y oportunidad para el diseño de diversas guías o modalidades de enseñanza ambiental para el aprendizaje.

Adriano – Se fosse o caso de encaminhar uma "conclusão" eu repetiria algo que (ontem, a la noche) conversávamos: **- o que é mesmo Educação?**

Não é igual a forma pela qual cada ser humano (ou cada povo) enxerga uma praça, um museu, percebe e conota a transformação de um casulo ou um movimento abstrato que explica o retorno de um cometa. A diferença entre cada coisa e ela mesma (sendo, então, um fenômeno) constitui que os modos de olhar sejam percebidos como **educação...** ora um processo que flui, ora uma reciprocidade que se repõe. É assim que os humanos, lembrando, compartilhamos a noção do diferente e isso nos caracteriza capazes de auto-emancipação interdependente... pessoal, coletiva, eco-sistêmica e planetária.

Puerto Saavedra e Temuco,
Na primavera chilena de 2003.

GUILLERMO WILLIAMSON: doctor en Educación por la Universidad Estadual de Campinas. Assessor do Ministério de Educação, Chile y Profesor del Departamento de Educación de la Universidad de La Frontera, Región de La Araucanía, Chile, donde coordina el Proyecto Gestión Participativa en Educación-proyecto KELLUWUN, en el Municipio de Ercilla, con apoyo de la Fundación W. K. Kellogg (Proyecto Diufro 00/116) - dirección: gwilliam@ufro.cl

ADRIANO NOGUEIRA:- pós Doct en Filosofia da Ciencia, Universitat Degli Studi di Bologna, Italia, doutor pela PUC/S.P. Pesquisador no projeto SONHO POSSÍVEL, Sapucaia do Sul, Centro Universitário LaSalle/Canoas (RS), na universidade de Campinas, no instituto Paulo Freire e Faculdades NetworK (em SP.). endereço: dmazza@lexxa.com.br - durante determinado período (jan/97 até dez/2000) foi consultor internacional do projeto KELLUWUN, Temuco, Chile
